

# Fenomenologia e Religião: as contribuições de Paul Tillich

Elias Gomes da Silva\*

## RESUMO

A religião é um fenômeno humano que nos remete a uma realidade essencial; pensá-la constitui algo de caráter fundamental. O estudo sistêmico de tal fenômeno proporciona a possibilidade de tentar responder a questões como: qual o significado da religião e sua importância no desenvolvimento humano? Há uma razão existencial para a religião? A fenomenologia enquanto método filosófico não só é capaz de proporcionar e estabelecer uma abordagem “diferenciada” aos clássicos problemas filosóficos e científicos como, também, auxiliar o estudo da religião. À este feito, dá-se o nome de fenomenologia da religião. O artigo propõe uma reflexão panorâmica sobre essas questões, culminando no pensamento desenvolvido por Paul Tillich.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Husserl; religião; Tillich; sagrado.

## Phenomenology and Religion: the contributions of Paul Tillich

## ABSTRACT

Religion is a human phenomenon, which sends us to an essential reality. Something fundamental is constituted when we think religion. The systemic study of this phenomenon provides the possibility of trying to answer questions like: what is the meaning of religion and its importance in human development? Is there an existential reason for religion? Phenomenology as a philosophical method is not only able to provide and establish a “distinctive” approach to the classic philosophical and scientific problems as well to help the study of religion. To this it is given the

---

\* Licenciado em Filosofia e Pós-graduando do curso de Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Endereço eletrônico: [filosofia.elias@hotmail.com](mailto:filosofia.elias@hotmail.com)

name of phenomenology of religion. The paper proposes general thoughts on these issues culminating in the thinking developed by Paul Tillich.

**Key words:** Phenomenology; Husserl; religion; Tillich; sacred.

## Prolegômenos

O presente trabalho pretende abordar, em cores introdutórias, o método filosófico da fenomenologia quando aplicado à questão do fenômeno da religião na obra do filósofo e teólogo alemão Paul Tillich (1886-1965). Por fenomenologia entenda-se o método de se fazer filosofia cujo principal objetivo está em se fiar na tentativa de abordar e descrever de forma rigorosa o conhecimento das coisas, a partir da estruturação formulada pela consciência “purificada” ou transcendental. Para a fenomenologia, descrever a essência das coisas pela instrumentalidade da consciência-cognitiva e transcendental é aquilo que há de mais essencial, ou seja, é justamente a partir dela, e por meio dela, que se tornaria de certa forma possível o re-estabelecimento e a re-novação do caráter de rigor nas investigações das chamadas ciências humanas (CAPALBO, 1996, p. 18). Tal empreita só poderá ser possível na medida em que o fenomenólogo se propõe a não apelar necessariamente aos traços típicos contidos no objetivismo positivista (GOTO, 2004, 19).

Para que se possa compreender o surgimento e o desenvolvimento do pensamento fenomenológico, é preciso conhecer um pouco de sua história. De um ponto de vista histórico, a fenomenologia, enquanto corrente filosófica, foi fundada no século XX por Edmund Husserl (1859-1938). Ao fundá-la, Husserl pretendia propor um novo método filosófico que pudesse de alguma forma, responder às principais críticas estabelecidas pelo chamado positivismo científico, sobretudo em relação a algumas ciências humanas. A fundamentação teórica que norteava as críticas do positivismo em relação às ciências humanas se validava, preferencialmente, no suposto reconhecimento de certo “antagonismo” epistemológico entre os métodos aplicados nas ciências humanas, quando comparados aos aplicados nas ciências da natureza. Para os cientistas dos círculos positivistas, o que realmente “evidencia” a validade e caráter rigoroso de uma investigação científica é, sem dúvida nenhuma, a sua capacidade de matematicidade e objetividade (COMTE, 1983, p. 140). Com isso, o positivismo acabou criando o mito do cientificismo,

ou seja, a idéia ingênua de que o conhecimento científico é único e perfeito, de que a ciência caminha sempre em direção ao progresso e de que a tecnologia desenvolvida pela ciência positiva supostamente responderia e supriria a todas as necessidades e indagações humanas (BELLI, 2008 p.153).

Todavia, esta objetividade positivista, ao longo da história, tem se mostrado insuficiente para explicar todos os fatos da existência humana que é extremamente mais complexa. O que dizer daquelas ciências cuja sua validade não se possa matematizar de forma precisa? O que dizer dos diversos tipos de fenômenos que ocorrem no mundo e que, de alguma forma, nos escapam ou não nos possibilitam apreendê-los e mensurá-los? São justamente para estas perguntas, dentre outras capazes de inquietar mentes e corações, que Edmund Husserl se propôs a encontrar respostas ao longo de seus trabalhos.

Após dedicar-se anos a fio aos estudos de matemática (DEPRAZ, 2008, p. 18) e tendo já defendido sua dissertação sobre cálculos variantes, em 1882 na Universidade de Viena, Husserl, nos anos seguintes, interessava-se cada vez mais pela filosofia, sendo extremamente influenciado pelo seu então professor Franz Brentano<sup>1</sup>. “Entusiasmado pela filosofia, resolveu dedicar-se exclusivamente a ela, no impulso veemente de encontrar fundamentação, capaz de sustentar todas as outras ciências” (FRAGATA, 1962, p.12). Husserl é categórico ao definir a fenomenologia como “[...] o método especificamente filosófico” (HUSSERL, 2008, p. 149). A paixão pelo poder contido no instrumental filosófico faz com que Husserl estabeleça sua abordagem e seu pensamento pautado, sobretudo, em uma metodologia cuja última instância é a observação e descrição rigorosa do fenômeno (vivido) que ocorre na consciência. É justamente essa busca pelo fenômeno que aparece na consciência que será o núcleo e a espinha dorsal de todo sistema husserliano.

Husserl chegou a essas conclusões tendo com pano de fundo e suporte teórico o pensamento de três grandes autores. De Brentano,

---

<sup>1</sup> Franz Clemente Brentano (1838-1917), frei dominicano secularizado, iniciou sua docência na Universidade de Würzburg e depois foi, durante vinte anos, catedrático, da universidade de Viena. Trata-se, sem dúvida alguma, da figura mais heteróclita, tanto na filosofia como na psicologia. [...] Husserl reconheceu em seus escritos a paternidade de muitas de suas principais tese a Brentano, a quem chama de mestre, sobretudo o conceito de intencionalidade (RAMÓN, 2006).

Husserl guardou duas idéias: (1) A distinção entre os fenômenos psíquicos e os fenômenos físicos; e (2) A noção de intencionalidade da consciência (EWALD, 2008, p. 151). Do filósofo, psicólogo e pedagogo alemão Wilhelm Dilthey (1883-1911) Husserl herdou a valorização das discussões epistemológicas. De Bernardo Bolzano (1885-1914), filósofo que deu grande destaque à problemática em torno dos estudos da lógica e da epistemologia, Husserl absorveu principalmente o conceito de verdade em si.

Do contato com Brentano, Dilthey e Bolzano, e das idéias e conceitos apreendidos, Husserl estabeleceu as bases embrionárias de seu sistema filosófico. Profundamente influenciado pela crítica de Brentano ao psicologismo, bem como à distinção que o mesmo faz entre fenômenos físicos e os psíquicos, Husserl publica suas *Investigações Lógicas* em 1900-1901, considerada por muitos de seus intérpretes com uma de suas principais obras. Nela, o autor apresenta um sério golpe ao positivismo e ao nominalismo que imperavam na Europa desde o século XIX. Esse esforço filosófico de Husserl, afirma Merleau-Ponty, destinou-se à tentativa de “resolver” o impasse do século: a crise da racionalidade científica, da qual não escapamos ainda (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 18). É também nessa obra que ele se propõe a passar do conteúdo à essência do objeto, contribuindo significativamente para a elaboração de um pensamento “antikantiano”. Sob este aspecto, é um dos grandes pioneiros de uma nova forma de fazer filosofia. Por outro lado, criou também um método denominado fenomenológico, método esse que, posteriormente, ao longo da historiografia filosófica e científica, foi aplicado e re-elaborado por diversos outros pensadores.

No sentido etimológico, a palavra fenomenologia significa a “teoria dos fenômenos” (GOTO, 2004, p. 24). Segundo este mesmo autor, em Husserl a palavra não tem o mesmo significado: “[...] Husserl retomou o termo fenomenologia ao designar o fenômeno como tudo que intencionalmente está presente à consciência” (GOTO, 2004 p. 24). É justamente essa a principal tese e base de toda fenomenologia husserliana. Isto é, analisar e descrever o fenômeno que nos aparece na consciência, não podendo estabelecer ou desenvolver construções e discursos vagos, mas sim voltados às próprias coisas (HUSSERL, 2006, p. 333). Ele não pretendia pensar necessariamente sobre o objeto

empírico, mas, sobretudo, sobre o fenômeno configurado na consciência. Uma consciência particular, individual e subjetivada. O conceito de consciência em Husserl deve sempre ser entendido sob o caráter cognitivo e transcendental. Essa característica da fenomenologia apresenta dupla intenção: por um lado, afirmar o primado da intuição sobre toda construção teórica previamente estabelecida (ausência de pressuposto) e, de outra parte, fazer triunfar o ponto de vista da construção transcendental sobre a ingenuidade do homem natural (RICOUER, 1989, p. 25). A consciência, na fenomenologia, é o objeto de observação para o qual o fenomenólogo deve estar extremamente atento. Qual o método utilizado por Husserl para chegar à essência do fenômeno? Como alcançar o núcleo da consciência? Como é possível chegar ao *Eidos*<sup>2</sup> das coisas?

Para resolver essas questões, Husserl adotou alguns termos “novos” e os incluiu na elaboração de seu método fenomenológico. Os principais conceitos são: *Eidos*, *Epoché*, *Redução fenomenológica* e *a Intuição Eidética*.

No primeiro termo aparece a tentativa de tentar conceituar a essência ou substrato do fenômeno. Para o autor, o *Eidos* é a essência dos fenômenos e, deste modo, o ser das coisas, que é caracterizado pela sua capacidade de invariabilidade, que sempre permanece idêntico, independentemente das diversas variações (GOTO, 2004, p. 30). Daí o fato de chamar-se a fenomenologia de “ciência eidética”.

O segundo conceito é o de *Epoché*, que significa “interrupção” ou “suspensão” do juízo. Embora o termo já tenha sido utilizado anteriormente, em Husserl, a definição de *Epoché* assume proporções diferenciadas. Para ele, trata-se da tentativa de suspender temporariamente o mundo da exterioridade (tempo e espaço), tornando-os passíveis de serem analisados “de fora”, sob o olhar de um observador exterior; é simplesmente a recusa do filósofo em aceitar a evidência empírica, de atitude natural, como sendo suficientemente capaz de fundamentar um verdadeiro e rigoroso conhecimento. Em suma, a primeira etapa

---

<sup>2</sup> Este, que é um dos termos com que Platão indicava à ideia e Aristóteles a forma, é usado na filosofia contemporânea especialmente por Husserl para indicar a essência que se torna evidente mediante a redução fenomenológica (ABBAGNANO, 2007, p. 308).

da *Epoché* estará realizada quando tudo que nos é exterior, mesmo as outras pessoas, estiver colocado entre “parênteses”.

Com a *Redução fenomenológica*, o autor tenta demonstrar que a fenomenologia, como método de investigação, não se limitaria simplesmente à suspensão do fenômeno empírico, mais também, aos atos da consciência (o “eu”). Husserl propõe que também coloquemos a própria consciência também “entre parênteses”, visto que, para ele, a consciência sempre é consciência de algo. É preciso refletir sobre o refletido. É preciso pensar o pensado (reflexão transcendental). Passamos, assim, do *ego cogito* cartesiano para o *ego cogito cogitatum* da fenomenologia husserliana.

A *Intuição Eidética* é a intuição particular e empírica, geralmente dirigida aos fatos e aos objetos individuais. A intuição eidética sempre se dirige às essências. A intuição empírica exige a comprovação da experiência, ao passo que a intuição eidética se baseia puramente na própria intuição.

Dessa forma, geralmente e sob o ponto de vista operacional, pode-se afirmar que Husserl acabou por criar um novo método filosófico que, em síntese, pode ser explicado como a tentativa de se estabelecer uma investigação rigorosa, sobretudo nas ciências humanas (CAPALBO, 1996, p. 18), buscando encontrar e atingir a essência das coisas. Trata-se de voltar às próprias coisas das quais o sujeito tinha se afastado. O seu método proporciona uma investigação ‘apriorística’ que não se prende a conceitos previamente fabricados sejam esses de ordem filosófica ou científica, ou seja, trata-se de método cuja base é a ausência e a rejeição de pressupostos (FURTADO, J. F. 2009, p. 17).

A principal fundamentação é pensar o fenômeno sendo “vivido” pelo sujeito. A busca pela compreensão do significado deste “vivido” fez com que a fenomenologia alcançasse o ser. Pela “volta às coisas mesmas” e pelo seu fundamento no ser, a fenomenologia constituiu-se em ontologia (HIGUET, 2004, p. 7). A ontologia só é possível com a fenomenologia. Os desdobramentos posteriores da fenomenologia em Heidegger, Marion, Scheler, van der Leeuw, Ricouer, Otto e Tillich, entre outros, não só proporcionaram a “reabilitação” de certa ontologia do sensível (COTRIM, 2008, p. 178) como também, de maneira extensiva, trouxeram uma contribuição importante para o pensamento

de diversos outros saberes como a educação, a psicologia, a teologia, a antropologia, a etnografia, a sociologia e a religião.

### **A Experiência Religiosa como um Problema para a Fenomenologia**

A fenomenologia da religião constitui um instrumento privilegiado para o estudioso, bem como para o trabalho teológico. Permite, de forma significativa, elencar e examinar as estruturas das vivências religiosas do indivíduo e das vivências pertencentes aos grupos e comunidades, levando os pesquisadores à relevante tarefa de poder “individualizar”, de forma transcendental, os aspectos religiosos essenciais presentes no âmbito cultural. Assim, pode-se afirmar que cabe à fenomenologia da religião iluminar tanto as estruturas internas dos fenômenos religiosos (referência ao âmbito das culturas), bem como compreender e interpretar o relacionamento do indivíduo humano (referência à interioridade) com a potência misteriosa (OTTO, 2008, p. 15). Por outro lado, à teologia interessa utilizar deste método de análise para descobrir o universo de significados elaborados pelo homem religioso (HIGUET, 2004, p. 16). Segundo Usarski (2004), as matrizes primárias da fenomenologia voltada estritamente para as questões dos fenômenos religiosos tiveram início, sobretudo a partir dos trabalhos realizados por Nathan Söderblom (1866-1931), Geerardus van der Leeuw (1890-1950), Joachim Wach (1898-1955), Friedrich Heiler (1892-1967), Gustav Mensching (1901-1978), e Rudolf Otto (1869-1937). No entanto, por ter sido criador do termo “fenomenologia da religião”, o título de seu principal representante é conferido, majoritariamente entre os especialistas, ao teólogo holandês e historiador das religiões Gerardus van der Leeuw.

Sobre a relevância dessa inauguração da fenomenologia da religião em van der Leeuw, o psicólogo brasileiro e cientista da religião Tommy A. Goto (2004) afirma:

O primeiro sistematizador oficial da fenomenologia no campo religioso foi historiador da religião Gerardus van der Leeuw [...] cuja obra Fenomenologia da religião (*Phänamenologie der Religion*) foi publicada em 1933. Essa obra abriu, decididamente, o caminho para que a fenomenologia da religião seguisse na direção de se constituir uma “ciência” no

estudo da religião e do sagrado. A proposta Leeuw foi de transformar a fenomenologia da religião numa “ciência” primeira, diferenciando-se de outras ciências. (GOTO, 2004, p. 63).

A abordagem fenomenológica da religião sob a perspectiva de van der Leeuw têm, prioritariamente, como princípio teórico não só a fenomenologia husserliana, com também os elementos contidos através de seus desdobramentos em Martin Heidegger (1889-1976) e na hermenêutica de Wilhelm Dilthey (1833-1911). Profundamente guiado pelo pressuposto de que o objeto das ciências das religiões seria uma unidade na multiplicidade de suas formas, van der Leeuw sustentou a tese de que, para além de uma investigação tradicional do caráter puramente histórico das religiões, os métodos de estudos acerca de questões religiosas deveriam procurar evidenciar, acima de tudo, os fenômenos religiosos, sobretudo os vários aspectos permanentes de cada religião (CRUZ, 2009, p. 8). Somente a partir daí seria possível o estabelecimento de um segundo passo que consistiria em valer-se do método comparativo, com o objetivo de atingir uma melhor identificação e classificação dos diversos grupos de manifestações religiosas (CRUZ, 2009, p. 8).

O estudioso da religião não pode simplesmente ficar “engessado” pelas pesquisas tradicionais, comumente estabelecidas pelos pressupostos teológicos, filosóficos ou científicos, nem tão pouco acopladas a uma mentalidade simplista de senso comum, como se o fenômeno religioso fosse algo puramente individualizante, particular ou divinatório (VAN DER LEEUW, 2009, p. 183). Trata-se, na verdade, de alcançar a singularidade do indivíduo, buscando preferentemente à compreensão, via método fenomenológico, do significado profundo (*Eidos*) da religiosidade. Nas palavras do próprio autor:

Podemos tentar compreender a religião sobre uma superfície plana, partindo de nós. Podemos ainda representar como que se a essência da religião só se deixa compreender como descendo do alto, de Deus. Em outros termos podemos considerar a religião como experiência vivida compreensível [...] A experiência vivida (na sua “reconstrução”) é um fenômeno. (VAN DER LEEUW, 2009, p.183).



Fator importante a destacar é a apropriação de idéias com características “pré-fenomenologia” surgidas ao longo da história do pensamento cristão como recurso metodológico para a teologia (GOTO, 2004, p. 68). Seus principais representantes (além do próprio Paul Tillich) foram os teólogos alemães Friedrich D. E. Scheleiermacher (1768-1834) e Rudolf Otto (1869-1937). O primeiro por ter dado início a uma nova proposta de re-elaboração do conceito de religião, retomando, a partir do vivido, o seu sentido primordial. O segundo por tentar sintetizar o conteúdo específico da experiência religiosa, aplicando pressupostos fenomenológicos. No pensamento de Scheleiermacher identificamos algumas características semelhantes às idéias estabelecidas por Husserl, sobretudo em relação ao entendimento das essências como uma realidade profundamente invariável, ou seja, algo que, apesar das diversas variações dos fenômenos, permanece estático e inamovível (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 32). Em Otto, que inclusive foi amigo de Husserl, a identidade surge na aplicação do método fenomenológico a serviço da compreensão do sagrado, método que o próprio Husserl reconheceu e chamou de magistral (HUSSERL, apud BIRCK, 1993, p. 9). A maioria dos conceitos formulados por Otto – *Numinoso*, *Mysterium Tremendum*, *Avassalador*, *Enérgico*, *Fascinante* entre outros – tentaram determinar a experiência religiosa com o sagrado (OTTO, 2007, p. 7) e para serem compreendidos de forma efetiva é necessário que sejam analisados sob os ditames e as perspectivas do método fenomenológico.

### **Caminhos da Fenomenologia da Religião em Paul Tillich**

A compreensão da fenomenologia da religião pela instrumentalidade de Paul Tillich também é imprescindível para o enriquecimento da disciplina, ou seja, não há dúvida sobre valor agregado ao tema por aquele que é considerado um dos maiores teólogos do século XX. Segundo o cientista da religião Etienne A. Higuier, os caminhos da fenomenologia da religião na obra de Paul Tillich possuem algumas configurações e devem preferencialmente ser entendidos sob pelo menos dois aspectos: (1) pelo percurso e desenvolvimento de uma fenomenologia tipicamente clássica aplicada à religião, chamado pelos seus intérpretes de fenomenológico-hermenêutico, tendo em vista chegar às essências da religiosidade, reconhecendo-a como parte da existência humana em

sua subjetividade concreta (HIGUET, 2004, p. 8); e (2) pela utilização do método fenomenológico aplicado à teologia propriamente dita, cujo fim último foi a tentativa de superar a crise dos sistemas teológicos tradicionais, profundamente abalados pelos questionamentos de círculos filosóficos e científicos (HIGUETI, 2004, p. 7).

Paul Tillich se apresenta como um teólogo extremante preocupado em reconhecer e protagonizar o *Kairos*<sup>3</sup> para um interessante e fecundo diálogo inter-religioso (RODRIGUES, 2007, p. 71), como também o foram Scheleiermacher e Otto ao tentar identificar certa unidade na diversidade da experiência religiosa. É nesse sentido que devem ser entendidos o chamado “tempo oportuno”, de que falou Tillich, como também os conceitos de *Preocupação Última*, *Novo Ser* e *Incondicionado*.

No texto “O significado da história das religiões para a teologia sistemática”, publicado postumamente, Tillich informa que, se pudesse, reformularia sua obra:

Na verdade, o tempo oportuno, o *Kairos*, sobre o qual tanto falou Tillich, não ocorreu ao ponto de fazer com que todo o seu pensamento fosse revisado a partir do momento em que tivesse assentado sobre essa nova fronteira. Em um texto publicado postumamente, Tillich esclarece que, se pudesse, reescreveria toda a sua Teologia sistemática a partir de uma análise da histórica das religiões (RODRIGUES, 2007, p. 71).

Em certa medida, podemos ver a aproximação teológica de Tillich em relação aos trabalhos anteriores de F. Scheleiermacher e Rudolf Otto, no sentido de estabelecer um princípio unívoco entre os fenômenos religiosos, a partir de um análise fenomenológica das vivências históricas da religião. Ora, se existe um princípio “unívoco” que seja capaz de estabelecer certa unidade na essência de todos os fenômenos religiosos não existiriam (em tese) motivos de qualquer tipo de intrigas ou ranços.

---

<sup>3</sup> Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairos*. *Kairos* é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece, a experiência do momento oportuno. É usada também em teologia cristã para descrever a forma qualitativa do tempo, o “tempo de Deus”, tempo que não pode ser medido.

Tillich é consciente e cauteloso. Para ele, o estudo da religião de forma fenomenológica, realizado sob a “pretensão” de um diálogo inter-religioso fecundo, sempre será polêmico, principalmente em alguns círculos onde a predominância é de caráter fundamentalista (RODRIGUES, 2007, p. 75), porém, tendo em vista sua capacidade epistemológica a fenomenologia possibilita o diálogo.

Ele afirma:

O teste de uma descrição fenomenológica consiste em sua capacidade de oferecer um quadro que seja convincente, de torná-lo visível a qualquer pessoa que seja disposta a olhar na mesma direção, de iluminar com ele outras idéias afins e de tornar compreensível a realidade que estas idéias pretendem refletir. A fenomenologia é uma forma de considerar os fenômenos tal como “se apresentam”, sem a interferência de preconceitos e explicações negativas ou positivas (TILLICH, 2005, p. 119).

Todavia, o autor reconhece a respectiva polêmica inerente entorno dessas questões. Nesse sentido, a rigor o próprio Tillich recomenda que o diálogo deva ser encarado sempre sob uma perspectiva tipológica e existencialmente silenciosa.

O ponto decisivo no diálogo entre duas religiões não é o historicamente determinado, a incorporação contingente de elementos tipológicos, mais estes elementos mesmos. Sob o método da tipologia [...] cada diálogo entre as religiões é acompanhado por um diálogo silencioso dentro dos representantes de cada uma das religiões participantes (TILLICH, apud RODRIGUES, 2007, p.70-82).

Paul Tillich também utilizou a filosofia fenomenológica para repensar as questões do método em teologia. (TILLICH, 1992, p. 12). Segundo o autor, a história da teologia tem demonstrado que o pensamento teológico tem se desenvolvido, de duas formas: uma forma querigmática e outra filosófica. No primeiro caso, predomina a tentativa metodológica de tentar construir o discurso teológico, sobretudo, embasado nos conteúdos canônicos da tradição cristã e, nestes termos, seu principal objetivo é ser eminentemente bíblico. No segundo caso, almeja-se uma maneira filosófica de fazer teologia. Para Tillich, a teologia assume uma postura filosófica quando quer abranger os conteúdos

da mensagem cristã pela racionalidade, analisando inclusive a própria situação humana fenomenologicamente vivida, histórica e social (GOTO, 2004, p. 118). Porém, para o teólogo, a construção de uma teologia “ideal” só seria possível caso essas duas vertentes se estruturassem concomitantemente. Em Tillich, a teologia tem que ser capaz de ser filosófica (GOTO, 2004, p.119).

A teologia filosófica de Tillich é uma ontologia fenomenológica, possuindo traços existenciais (Kierkegaard), visto que seu objetivo não é simplesmente desfrutar da função epistemológica, mais sim o resgate do conceito de religiosidade na indagação do próprio ser. Isto é “[...] Ao indagar pelo sentido do ser, a teologia busca o fundamento supremo, o poder, a norma e o alvo do ser” (TILLICH, 1992, p. 116), ou seja, para Tillich não existe discrepância entre a procura do ser e a busca por Deus. Em outras palavras, “[...] ao indagar sobre o sentido do ser, a teologia busca Deus” (TILLICH, 1992, p. 113).

De fato, toda percepção de uma fenomenologia da religião na obra de Paul Tillich antecipa idealmente a concordância das diversas manifestações de um objeto – a religião – enquanto fenômeno de um mesmo sentido de ser. Na verdade, o pensamento de Tillich constitui mais um exemplo da positividade inerente ao riquíssimo e fecundo método fenomenológico. Suas propostas não só marcaram sua geração como têm inspirado, ainda hoje, as ciências da religião como um todo.

## Conclusão

Partindo-se da análise dos pontos essenciais do nascimento e desenvolvimento da fenomenologia clássica (Husserl) e da fenomenologia da Religião (van der Leeuw), seus métodos e conceitos, as principais propostas estabelecidas pela instrumentalidade do pensamento teológico-filosófico de Paul Tillich, sob a perspectiva da fenomenologia da religião, assumem indiscutivelmente uma postura que resgata o valor transcendental da subjetividade religiosa. Seu pensamento é capaz de possibilitar não somente o diálogo inter-religioso, com também uma relação significativa com a realidade-racional-contemporânea. Os procedimentos fenomenológicos estabelecidos por Tillich permitem-nos o acesso a um conceito de religião cuja principal força está relacionada à devida compreensão de um substrato (vivido) do mundo-da-vida.

A atualidade do pensamento de Tillich é mais uma vez comprovada, tendo em vista que vivemos tempos difíceis neste início de século, rodeados por terror e violência, uma sociedade individualista e orientada por “ideologias, ‘teologias’ e ‘filosofias’ de contornos, no mínimo, radicais. O pensamento de Paul Tillich nos convida a perceber o incrível frescor e o valor terapêutico-social contido no estabelecimento (não insano) de uma proposta teológica que possua características plúrais.

## Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BELLI, R.B. Uma “Sociologia Crítica do Conhecimento”: Michel Löwy e sua proposta de sociologia do conhecimento. **Revista Urutágua** v. 15, p. 151-158, 2008.
- BIRCK, B. O. **O Sagrado em Rudolf Otto**. Porto Alegre: EDIPURS, 1993.
- CAPALBO, C. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Londrina: UEL, 1996.
- CRUZ, R.J.B. Rudolf Otto e Edmund Husserl: considerações acerca das origens do método da Fenomenologia da Religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 15, dez. 2009.
- COMTE, A. **Catecismo Positivista**. São Paulo: Abril, 1983.
- COTRIM, G. **Filosofia Temática**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- EDWALD, A.P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, construindo sentidos. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 8, n.2 p. 149-165, 2008.
- FURTADO, J. L. **Introdução á Fenomenologia de Husserl**. Ouro Preto -MG: s/d
- FRAGATA, J. **Problemas da Fenomenologia de Husserl**. Braga: Livraria Cruz, 1962.
- GOTO, T. A. **O Fenômeno Religioso: A Fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Paulus, 2004.
- HIGUET, E. A. Prefácio. In. GOTO, T.A. **O Fenômeno Religioso**. São Paulo: Paulus, 2004.

HUSSERL, E. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, construindo sentidos. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 8, n.2 p. 149-165, 2008.

\_\_\_\_\_. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia e Ciências do Homem**. São Paulo: Saraiva, 1973.

OTTO, R. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

RAMÓN, S. P. **A Importância da Act-Psychology de Franz Brentano**. Psicologia, Reflexão e Crítica, UFRS, Porto Alegre, 2008.

RICOUER, P. **A Metáfora Viva**. Porto: Rés, 1989

RODRIGUES, F.F.X. Nas Fronteiras das Religiões: contribuições de Paul Tillich para o dialogo inter-religioso a partir do cristianismo. **Correlatio** n. 12 - Dezembro de 2007, p.70-82.

SCHELEIERMACHER, F.D. **Sobre a Religião**. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

\_\_\_\_\_. **Christianity and the encounter of the world religions**. Nova Iorque e Londres: Columbia University Press, 1964.

\_\_\_\_\_. **A Era Protestante**. São Berna do Campo: Ciências da Religião, 1992.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

USARSKI, F. Os Enganos Sobre o Sagrado: Uma Síntese da Crítica do Ramo “Clássico” da Fenomenologia da Religião e Seus Conceitos Chaves. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, 2004, p. 73-95.

VAN DER LEEUW, G. A Religião em Essência e suas Manifestações. In. Fenomenologia da Religião. **Revista de Abordagem Gestáltica** – v.15, n.2, 2009, p.179-183.

\_\_\_\_\_. **Fenomenología de la Religión**. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.